

"Mas, amor, amor"

M 647

DN 26.4.68
"O FLU" - Jan 77

~~esse e o mesmo~~

R IV n.º 27

"O FLU" - Fev 77

O teórico fala das mulheres
TEORIAS

RUBEM BRAGA

MEU amigo ~~Carlos~~ dizia:

«Final a razão estava mesmo com aquêlê senhor tenebroso, que setê vêzes amou para sete vêzes matar. Não que tivesse razão em matar, mas em amar sete vêzes. Estou convencido — e a humanidade também o está, sem o dizer — que é realmente impossível amar menos de sete vêzes na vida.

Na vida — ou talvez na semana, e cada vez amar de um amor diferente. Cada dia traz o seu desejo e a sua necessidade. Transferir êsse desejo para o dia seguinte, ou emendá-lo com o da véspera, não parece boa política. O melhor é — com a folhinha diante dos olhos — fazer com que o amor de segunda-feira seja diferente do de domingo.

Que necessidade há de mentir? Ninguém repete um sorvete de morango, e cada rei do Sião morre apenas uma vez. De resto, a semana é tão comprida, e a vida tão curta. Há pessoas que chegando à quinta-feira, já não se lembram do que fizeram na segunda, e olham para o domingo como para a Ásia longínqua. Outras, quando se despedem, dizem «até amanhã» como se embarcassem para Singapura.

E depois os sete dias da semana são tão distintos uns dos outros. Mulheres há que talvez não convenham à calma bonancheirona dos domingos, feita para pessoas gordas. São nervosas, finas, rápidas: precisamente mulheres próprias para as quartas-feiras. Outras, diretas e exatas, são ótimas para começar a semana, uma semana de trabalho e de lutas: mulheres das segundas-feiras.

Há também (e é êste o ponto difícil dessa divisão sentimental da semana) as mulheres das sextas-feiras. São mulheres fatais ou cacêtes. Vestem-se de marrom e usam perfume comprado na Argentina.

Pensando melhor, eu proporia seis mulheres, não sete, para a semana; e em vez de descansarmos no domingo, descansariâmos na sexta, com leituras edificantes e um aviso na porta: «Fechado para balanço».

DN-26/3/67

DN-28.3.67